

# Entrevista



# “A inclusão social é um dos principais papéis que a Extensão tem de desempenhar”

Jorge Miguel Oliveira Sá Cunha

*Aliando a investigação científica com a prática extensionista, o professor **Jorge Miguel Oliveira Sá Cunha** dedica-se ao estudo da inovação social como potencial de desenvolvimento humano. Sua atuação universitária no Departamento de Produção e Sistemas da Universidade do Minho, em Portugal, é pautada pela ideia de que as instituições de ensino superior não só podem, mas devem, estar próximas às suas comunidades de entorno, contribuindo para o desenvolvimento regional a partir do conhecimento que produzem, em uma troca que viabiliza ideias e soluções para diferentes tipos de negócios. Licenciado e mestre em Economia pela prestigiada Universidade de Coimbra e doutor em Engenharia Econômica pela Universidade do Minho, Cunha é autor de livros que tratam do impacto dos institutos politécnicos na economia local em Portugal. Esses institutos, segundo o professor, se assemelham aos institutos federais que compõem a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica no Brasil. Cunha tem uma relação próxima com o Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), tendo atuado junto ao Programa Mulheres Sim e ao curso de Práticas Extensionistas, ambos mantidos pela instituição.*

## **Caminho Aberto** Como o senhor vê a relação Universidade/Comunidade no âmbito da Extensão?

**Jorge Miguel Oliveira Sá Cunha** Nos últimos tempos tem havido uma maior abertura à comunidade. Antigamente, as instituições de ensino superior eram vistas como uma torre de marfim, ou seja, estavam distanciadas do que ocorria em suas comunidades, centradas somente no ensino e na investigação científica, sem levarem em conta o dia a dia, o que se passava fora dos seus muros. E com a urgência da terceira missão das universidades, que é a necessidade da extensão universitária, tem se visto uma maior abertura das instituições de ensino superior para as comunidades.

## **Caminho Aberto** E em quais parâmetros essa relação entre Universidade e Comunidade se dá?

**Jorge Miguel Oliveira Sá Cunha** Inicialmente, ocorreu sob um ponto de vista econômico: atividades de transferência de tecnologia, de inovação, ou seja, mais voltadas para permitir que o conhecimento e a inovação desenvolvidos nas universidades pudessem ter um aproveitamento comercial, no sentido de se desenvolver novos produtos e de melhorar os processos produtivos.

Agora, vislumbra-se também uma preocupação do envolvimento com a própria sociedade, isto é, com as comunidades onde essas instituições de ensino superior estão inseridas. Não só do ponto de vista econômico, mas também do ponto de vista social. Pretende-se que haja um desenvolvimento econômico a partir do conhecimento, mas também um desenvolvimento social, onde as universidades possam ser um importante fator para esse desenvolvimento. Contribuindo, dessa forma, para termos sociedades mais inclusivas, onde haja maiores oportunidades de igualdade entre todos os cidadãos.

***Caminho Aberto*** ***Podemos dizer, então, que a inclusão social é o principal objetivo da extensão?***

***Jorge Miguel Oliveira Sá Cunha*** Pode não ser o principal, mas claramente é um dos principais papéis que a extensão tem de desempenhar, sem dúvida. Veja bem, ao adquirirem mais conhecimento, mais qualificação, as pessoas passam também a encontrar uma melhor colocação no mercado de trabalho. Passam a ter também uma remuneração, uma fonte de renda, e, com isso, acabam contribuindo para o desenvolvimento socioeconômico das comunidades onde estão inseridas.

***Caminho Aberto*** ***Em relação à educação profissional e tecnológica, principalmente no caso do ensino médio técnico, como o senhor vê a possibilidade de práticas extensionistas nesse contexto?***

***Jorge Miguel Oliveira Sá Cunha*** O modelo brasileiro de educação profissional e tecnológica é muito semelhante ao de Portugal. Também temos um sistema binário. Temos as universidades e os institutos politécnicos. Esses institutos politécnicos são mais voltados para o ensino técnico profissionalizante. Os institutos politécnicos em Portugal não atribuem o grau de doutor, somente os de licenciado e mestre. Mas hoje, aqui em Portugal, as universidades também já ofertam cursos de qualificação mais técnica, voltados para uma capacitação empreendedora, diretamente vinculada ao mercado de trabalho. Nesse sentido, também percebo que no Brasil os institutos federais, por terem em sua missão a oferta de educação profissional e tecnológica, estão mais inseridos no cotidiano de suas comunidades, conseguindo planejar seus cursos de formação mais próximos às necessidades das realidades onde estão inseridos. Portanto, conseguem ter essa vantagem. Porque, muitas vezes, as universidades estão mais preocupadas com a produção científica, com as atribuições de ter que alcançar metas de publicação em periódicos e revistas científicas, afastando-se das realidades de suas comunidades. Os institutos federais, não tendo seu foco principal de preocupação somente na investigação científica, podem então estar mais próximos dessas comunidades com cursos que atendam mais a essas necessidades de qualificação profissional, portanto, contribuindo para o desenvolvimento socioeconômico regional.

***Caminho Aberto*** ***O IFSC entende a extensão como um processo que compreende um conjunto de atividades nas quais é promovida a articulação entre os saberes (acadêmico, científico e tecnológico) e a realidade socioeconômica e cultural da região. Ou seja, a extensão deve consolidar e fortalecer os arranjos produtivos, sociais e culturais locais, identificados a partir do mapeamento das potencialidades de desenvolvimento em seu âmbito de atuação. Estamos no caminho certo?***

***Jorge Miguel Oliveira Sá Cunha*** Com certeza! A extensão universitária é constituída de três elementos: a transferência de tecnologia, do conhecimento produzido cientificamente, para as empresas; a aprendizagem contínua, ao longo da vida, definindo cursos em relação às necessidades das comunidades; e o terceiro elemento é o envolvimento propriamente dito com a comunidade. Estamos vivendo não só uma economia do conhecimento, mas também uma sociedade do conhecimento. Portanto, é possível que todos os agentes envolvidos possam aproveitar desse conhecimento produzido cientificamente nas universidades e institutos federais.

***Caminho Aberto*** ***Nesse sentido, em quais projetos o IFSC se destaca como prática exitosa no campo da extensão?***

***Jorge Miguel Oliveira Sá Cunha*** A minha experiência com o IFSC, a partir do professor Douglas Juliani, foi na utilização de um modelo conceitual de inovação social aplicado ao

Programa Mulheres Sim. É um programa muito importante porque se insere naquilo que chamamos de extensão universitária. Como eu já disse, as instituições de ensino superior estão muito focadas no ensino, o que é sua primeira missão, e na pesquisa, sua segunda missão. De uns anos para cá tem-se avançado na terceira missão, que é a extensão universitária, um termo também utilizado aqui em Portugal. A extensão se encaixa em um dos papéis das universidades, que é o do desenvolvimento social, ou seja, pensar em um desenvolvimento mais sustentável, não só a nível econômico e ambiental, mas também a nível social. O caso do Programa Mulheres Sim se enquadra perfeitamente neste espírito da terceira missão e pode contribuir, portanto, para a inovação social. No fundo, esse programa contribui também para uma inclusão social, sobretudo para setores menos favorecidos da sociedade ou que estão em situações mais fragilizadas. Nesses casos, as instituições de ensino superior podem e devem ter um papel relevante, pois trazem para o seu interior pessoas que estão fora do sistema de ensino, aumentando a capacitação e empoderando grupos que estão à margem. A partir disso, uma série de mudanças podem ocorrer na vida dessas pessoas, inclusive fazendo com que elas se integrem novamente à sociedade.

***Caminho Aberto E, em Portugal, como é feita a aplicação da extensão atualmente?***

***Jorge Miguel Oliveira Sá Cunha*** Na minha instituição de ensino, principalmente no meu câmpus, o foco da extensão é na transferência de tecnologia e inovação social para as empresas. Tanto as universidades daqui de Portugal, quanto os institutos politécnicos, criaram gabinetes de transferência de tecnologia em que procuram transferir conhecimento produzido cientificamente para as empresas ou dão a oportunidade para essas empresas se aproximarem das instituições para a resolução de problemas. Assim, também podem oferecer cursos de formação que não conferem grau acadêmico, mas que vão permitindo incluir conhecimentos técnicos conforme a necessidade das pessoas ao longo da vida. As universidades também estão se envolvendo mais com o cotidiano propriamente dito de suas comunidades, tentando trabalhar mais de perto com alguns problemas sociais, de forma a contribuir para a superação desses problemas. Elas também promovem atividades de divulgação científica e tecnológica, por exemplo, participando e fomentando feiras científicas, tentando sensibilizar os estudantes para a importância dessas atividades extensionistas. Penso que no Brasil seja semelhante. Em termos de legislação, também estão previstas atividades de extensão universitária, principalmente em relação às atividades desempenhadas pelos professores, que devem transferir o conhecimento científico que produzem.

***Caminho Aberto Esses gabinetes de transferência tecnológica seriam semelhantes às incubadoras tecnológicas fomentadas no Brasil?***

***Jorge Miguel Oliveira Sá Cunha*** Sim, dentro desses gabinetes funcionam, inclusive, incubadoras tecnológicas e programas de promoção ao empreendedorismo. Não só na Universidade do Minho, mas também em outras universidades portuguesas. Há um programa aqui em minha universidade chamado IdeaLab – Laboratório de Ideias de Negócios, no qual é possível “testar” a viabilidade de uma ideia de negócio. É um programa mais voltado aos estudantes. Aqueles que têm uma ideia empreendedora e querem ter um apoio consultivo. Esta fase do IdeaLab é mais de preparação, permitindo aos estudantes a formação, a participação em workshops estratégicos e, posteriormente, tentando aplicar esses conhecimentos às suas ideias. Ele apoia o desenvolvimento de ideias de negócio de base tecnológica, permitindo aos alunos também avaliarem sua vocação empreendedora. O IdeaLab veio de uma universidade estrangeira e já funciona há alguns anos na Universidade do Minho.

***Caminho Aberto E como o senhor avalia a possibilidade de atuação conjunta entre instituições de ensino brasileiras e portuguesas, principalmente no campo da extensão?***

***Jorge Miguel Oliveira Sá Cunha*** É muito interessante que as instituições possam interagir e se relacionar, até porque tem contextos diferentes e podem se beneficiar dessa troca de conhecimento. Um exemplo disso seria por meio de cursos de extensão, capacitando e promovendo um intercâmbio de professores e funcionários para que conheçam as realidades de cada país. Ambas as partes podem ganhar com isso. São experiências diferentes, mas que

podem se complementar. Seria importante dinamizar ainda mais essa mobilidade internacional, possibilitando o compartilhamento dessas experiências. Seria vantajoso para ambas as partes. Não se trata apenas de uma mobilidade física, mas também, de fato, do desenvolvimento dessas tecnologias de informação e comunicação que possibilitam a troca de conhecimento sem barreiras físicas, como estamos fazendo, por exemplo, nesta entrevista. Esse intercâmbio pode possibilitar a troca de experiências entre pessoas que têm conhecimentos variados e que estão habilitadas à resolução de problemas em determinadas realidades.

***Caminho Aberto*** ***E sobre a sua própria experiência na área da extensão?***

***Jorge Miguel Oliveira Sá Cunha*** Participei no início do programa IdeaLab, há cerca de seis ou sete anos. Também tenho participado da organização de conferências de divulgação científica e de atividades de extensão durante as férias de verão na universidade onde, durante uma semana, desenvolvemos uma série de atividades para alunos secundaristas que vêm conhecer a instituição. São várias atividades em que eles podem interagir com os professores e conhecer a universidade. Também participo da Noite Europeia dos Investigadores, um evento promovido pela Escola de Ciências da Universidade do Minho onde são desenvolvidas atividades experimentais, demonstrações e exposições relacionadas com as áreas da Biologia, Geologia, Ambiente, Física, Ótica, Matemática, Estatística, Computação, Química, Educação e Psicologia. E ainda ministro aulas em cursos de extensão.

***Caminho Aberto*** ***O Brasil é um país de dimensões continentais, com muitos problemas sociais. Como podemos ampliar a extensão universitária contribuindo, assim, para a inclusão social e o empoderamento das comunidades?***

***Jorge Miguel Oliveira Sá Cunha*** Estreitando laços com diferentes agentes sociais, não só com o poder público (governo federal, estadual, prefeituras e câmaras municipais), mas com gente da sociedade civil, com os sindicatos, com os movimentos sociais, principalmente aqueles ligados à saúde e a educação. Tem que ser uma atuação em rede. Penso que o papel dinamizador dessa atuação seja dos institutos federais, pela sua proximidade com as comunidades de entorno. Temos que envolver também os empresários nessa empreitada, somando forças. Penso também em ações de voluntariado junto às escolas e às associações comunitárias.

***Caminho Aberto*** ***Em 2014 foi sancionado o Plano Nacional de Educação, estipulando que em 10 anos, ou seja, até 2024, 10% do currículo dos cursos superiores tem que estar inseridos em projetos e programas de extensão. Isso é viável?***

***Jorge Miguel Oliveira Sá Cunha*** Faz sentido, porque muitas vezes essas atividades de extensão estão mais próximas às necessidades das pessoas, aumentando a sua capacitação, preparando para uma sociedade que cada vez mais está imbuída de conhecimento. Então é preciso que esses alunos se apropriem cada vez mais dessas ferramentas da extensão para não se sentirem excluídos da sociedade em que vão atuar futuramente como profissionais.

***Entrevistadora: Cristina Oliveira***